

O agendamento da ficção no jornalismo da Rede Globo: análise das notícias que se apropriam dos temas explorados no formato ficcional¹

Clarissa Josgrilberg Pereira²

Resumo

Que vários programas televisivos têm-se apropriado dos formatos jornalísticos todos já sabem, basta uma rápida olhada nos programas da televisão para perceber este fato. Entretanto, é preciso olhar que o inverso também acontece. Não tão raramente as novelas da Rede Globo são pautas garantidas nos telejornais da emissora. Partindo desta pré-análise, o presente trabalho propôs-se a descobrir como tem se dado a apropriação dos conteúdos dos formatos ficcionais pelo jornalismo. Para realizar tal análise, contextualizamos no decorrer do trabalho a hipótese do agendamento e os formatos jornalísticos, entre outros conceitos. Com o desenvolvimento deste artigo descobrimos que a autopromoção é uma das principais causas desse agendamento feito pela emissora, mesmo que tal ação mercadológica tenha que se sobrepor ao interesse público.

Palavras-chave

Jornalismo. Ficção. Rede Globo. Hipótese do Agendamento. Formatos.

Introdução

A apropriação do formato jornalístico pela mídia de forma geral já é algo constante e de fácil visualização. Essa realidade é mais visível nos programas televisivos, podemos citar, por exemplo, o Custe o Que Custar (CQC) da Band, as “matérias” feitas por Fernanda Lima no programa ‘Amor e Sexo’ da Rede Globo ou, ainda, o Furo MTV, em que um casal atrás de uma bancada anuncia fatos inverídicos e ironizados com a mesma estrutura das chamadas, notas e das notícias jornalísticas.

Questões como as mencionadas acima têm sido palco de análises de vários pesquisadores da área da comunicação. As doutoras em Ciências da Comunicação, Ana Carolina Temer e Márcia Tondato, por exemplo, voltam parte de suas análises contidas no livro “A televisão em busca da interatividade – uma análise dos gêneros não ficcionais” para a apropriação do formato jornalístico por programas não ficcionais da Rede Globo. Além delas, diversos profissionais como os autores dos artigos “Infotainment (informação

¹ Trabalho apresentado no GP de Gêneros Jornalísticos do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário da Grande Dourados (Unigran) e mestranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do professor Doutor José Marques de Melo. Bolsista Capes.

e entretenimento) no jornalismo” e “Linguagens da TV: O Gênero em Malhação”, entre vários outros, têm investindo em pesquisas desta área.

Por outro lado, estudando essa temática, percebemos que o contrário também acontece, ou seja, o jornalismo também tem se imbricado pelos temas trabalhados na ficção. Entretanto, este viés de estudo não tem sido muito notado pelos pesquisadores da comunicação, pelo menos é o cenário que encontramos ao desenvolver o presente trabalho. Foi, portanto, com esta percepção que nos propusemos a estudar a apropriação dos temas trabalhados nas novelas da Rede Globo pelos seus jornais. Para isso, fizemos uma busca no site de cada jornal da emissora analisada e encontramos 12 matérias que faziam referência ao gênero em 2011. Os conteúdos em análise foram publicados de janeiro até o dia 17 de novembro de 2011, última data em que as buscas nos sites dos jornais foram realizadas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para a realização desse estudo fizemos um levantamento bibliográfico e objetivamos descobrir se as notícias do jornalismo se apropriam dos conteúdos ficcionais, quando e de qual forma, bem como se essa interconexão entre os temas pode prejudicar a concepção das reais funções do jornalismo. Além disso, também objetivamos descobrir se nos princípios editoriais das Organizações Globo, publicados também em 2011, há algo que justifique, aceite ou não reconheça essa ação.

No desenvolvimento deste trabalho refutamos nossa hipótese de que o Jornal Hoje era o que mais explorava os assuntos presentes nas novelas da Rede Globo, devido ao seu formato mais descontraído. Durante as buscas vimos que há um equilíbrio no número das matérias presentes em cada jornal. Entretanto, confirmamos que um dos objetivos do jornalismo se apropriar dos conteúdos explorados na ficção é o da autopromoção, mesmo que essa finalidade mercadológica precise se sobrepor ao interesse público.

1. Um pouco sobre jornalismo, gêneros e formatos

Para conseguirmos realizar as discussões sobre as matérias selecionadas há uma série de conceitos que precisam ser pontuados. Primeiramente é preciso apontar que existem várias considerações sobre o que é jornalismo e suas funções, entretanto, em nossa concepção, independente da conceituação dada a esse fazer, não se pode perder de vista que o jornalismo deve estar sempre a serviço da sociedade, deve ser de interesse público e, nos

casos dos televisivos, a responsabilidade é reforçada pela concessão pública³ que recebem e pelo grande impacto que possuem na sociedade.

Além disso, é importante ressaltar que “o jornalista é considerado um agente neutramente distanciado para poder transmitir a informação com objetividade e ética profissional” (KUNCZIK, 2002, p.98). Para exemplificar, a pesquisa que mede a confiabilidade que os brasileiros têm em cada profissional, realizada pela empresa GFK coloca os jornalistas em 6º lugar. Tal dado deve servir para lembrar aos profissionais a responsabilidade que eles têm diante à sociedade.

O trabalho realizado pelos jornalistas está, geralmente, incluído na categoria informação. José Carlos Souza, autor do livro “Gêneros e formatos na televisão brasileira”, explica que existem “três categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo” (2004, p.39). As categorias são constituídas por gêneros, os quais, por sua vez, possuem formatos. Definir gênero não é algo fácil, há diversas explicações que garantem a complexidade, necessária, para tal conceito. Adotamos aqui a definição de Barbosa Filho, que acreditamos completa e mais simples; o autor define “os gêneros da área de comunicação como unidades de informação que, estruturadas de acordo com seus agentes, estipulam a forma de apresentação do conteúdo acompanhando o momento histórico da produção da mensagem” (*apud* SOUZA, 2004, p.44).

Para José Carlos Souza (2004, p. 149), “os programas do gênero telejornalismo apresentam múltiplas funções em face do desenvolvimento e aprimoramento do jornalismo no mundo”. Neste gênero estão presentes no Brasil os formatos “nota, reportagem, entrevista, indicadores econômicos, editorial, comentário e crônica” (SOUZA, 2004, p.151). Passamos agora às discussões sobre a telenovela, para mais adiante apontarmos como esses dois gêneros, que pertencem a categorias diferentes, tem se imbricado nos telejornais da Globo.

2. Telenovela, ficção e realidade no mesmo gênero

Falar da televisão brasileira e não falar sobre as telenovelas é um grande erro. A história televisiva está diretamente relacionada às tramas novelísticas. Aliás, foi por meio delas que nossa televisão passou a ser conhecida mundialmente. Embora seja um produto

³ Permissão do Estado para trabalhar a comunicação de forma a atender os interesses públicos, para mais leia “A televisão e o instituto da concessão pública”, de Anderson Alarcon, disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/7654/a-televisao-e-o-instituto-da-concessao-publica>

ficcional, pertencente a categoria entretenimento, as novelas têm “e isso é intencional – muitas semelhanças com a vida” (TEMER; TONDATO, 2009, p.46). Nas histórias desenvolvidas estão presentes temas

do universo feminino, dos conflitos masculinos, da vida política do país, das carências sociais, das minorias e, até, da vida após a morte. No processo de internacionalização dos produtos comunicacionais, nota-se que o gênero ficcional é privilegiado, e nele o melodrama que, mesmo sob uma matriz industrial, revela cada vez mais seu potencial de universalidade (TEMER; TONDATO, 2009, p.47).

Para Martín-Barbero, a relação das novelas com a realidade é tão intrínseca que há até uma inversão com o papel do jornalismo; para ele, “enquanto os noticiários se enchem de fantasia tecnológica e se espetacularizam a si próprios, é nas telenovelas e programas dramáticos que o país se relata e se deixa ver” (*apud* TEMMER; TONDATO, 2009, p.55). As doutoras em comunicação Ana Carolina Temer e Márcia Tondato compartilham do mesmo pensamento do autor colombiano, para elas,

os gêneros tradicionais continuam em pauta, com produções sendo exportadas/importadas no original. Continuamos a receber filmes hollywoodianos, e a exportar telenovelas, porém, em se tratando de renovação, caracterizada a partir da década de 1990 pela hibridização dos gêneros, o telejornal que ficcionaliza e a ficção que noticia, e pela interatividade, as trocas só acontecem no formato, exportamos **Você Decide**, e importamos **Big Brother**” (2009, p.34).

As telenovelas hoje representam a grande parte da programação televisiva brasileira. Um dos motivos para o sucesso deste gênero está na boa união entre tecnologia midiática e a narrativa baseada no cotidiano e na vida cultural dos povos. Além disso, toda a estratégia mercadológica envolvida torna as novelas quase que onipresentes na vida dos telespectadores ao fazer as tramas das novelas, “seus dilemas éticos e morais, seus atores e até suas locações [serem] anunciados e revividos em vários outros programas da emissora (e até na concorrência), em uma multiplicidade de entrevistas, chamadas, referências diretas e indiretas, comunicados para a imprensa [...]” (TEMER; TONDATO, 2009, p.53).

Esse agendamento de assuntos acontece visivelmente em toda a programação das emissoras de televisão, entretanto essa ação cabe, certamente, em programas como “Vídeo Show” e “Estrelas”, em que o leitor, pelo próprio contrato de leitura, espera tais atrações dos programas, mas e nos jornais? Essa ação também cabe? É sobre isso que discutiremos em nossa análise, após explicarmos a hipótese do agendamento.

3. A hipótese do agendamento

A hipótese do agendamento não é ainda considerada como uma teoria da comunicação, pelo menos não para a maioria dos comunicólogos. Antonio Hohlfeldt, no livro “Teorias da comunicação – conceitos, escolas e tendências” explica que as teorias são vistas como “um modo *acabado* e, neste sentido, infenso a complementações ou conjugações, pela qual *traduzimos* uma determinada realidade segundo um certo *modelo*”, já uma hipótese, “ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, adverso ao conceito de *erro* característico de uma teoria” (2001, p.189).

Os meios de comunicação pautam a sociedade e dela retiram informações para novas pautas, esse é o viés em que a hipótese do agendamento se estabelece. Ela reconhece que os meios de comunicação “embora não sejam capazes de impor o quê pensar em relação a um determinado tema, como desejava a teoria hipodérmica, são capazes de, a médio e longo prazos, influenciar sobre o quê pensar e falar” (HOHLFELDT, 2001, p.191).

Na proposição do agendamento há o reconhecimento da comunicação como algo além de mecanismos tecnológicos, a comunicação passa agora a ser um local de construção da realidade. Dessa forma, para Hohlfeldt (2001, p.193) dependendo do veículo, o receptor sofre “influência não a curto, mas a médio e longo prazos, não nos impondo determinados conceitos, mas incluindo em nossas preocupações certos temas que, de outro modo, não chegariam a nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda”.

Para o autor, a influência que o agendamento ocasionará de forma efetiva no receptor dependerá, entre outros fatores, do grau de exposição dele ao conteúdo apresentado. Assim, “um acontecimento que, transformado em notícia, ultrapassa os espaços tradicionalmente a ele determinados se torna onipresente” (HOHLFELDT, 2001, p.201). Passamos agora para a contextualização do objeto de estudo para que, a seguir, possa ser feita a análise proposta.

4. Os jornais e os princípios editoriais da Rede Globo

No site oficial da Rede Globo⁴ dez programas são apresentados como telejornais, são eles: Bem Estar, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Jornal da Globo,

⁴ www.redeglobo.com

Fantástico, Globo Repórter, Globo Rural, Profissão Repórter e Globo News. Entretanto, para desenvolver este trabalho analisamos apenas os jornais diários e da rede aberta, desconsiderando também os veículos de jornalismo especializado. Nossa análise restringe-se, portanto, aos jornais ‘Bom Dia Brasil’, ‘Jornal Hoje’, ‘Jornal Nacional’ e ‘Jornal da Globo’.

O Bom dia Brasil estreou em 1983 em Brasília e, atualmente, possui uma hora de duração e é transmitido do Rio de Janeiro, de segunda à sexta-feira. Doze anos mais velho, o Jornal Hoje, que fez sua primeira exibição em 1971, às 13 horas, é transmitido de segunda a sábado. Entretanto o pioneiro mesmo no telejornalismo da Rede Globo é o Jornal da Globo, que está no ar desde 1967; de início era transmitido 15 minutos por dia, em rede local, e surgiu para substituir o ‘Ultranotícias’. Em 1979 o Jornal da Globo surgiu em um novo formato, o qual permanece até hoje, o “novo telejornal era marcado pela diversidade de gêneros, conciliando reportagens, análises, séries e entrevistas ao vivo”⁵ e é exibido de segunda à sexta-feira.

O Jornal Nacional está no ar desde 1969 e foi o primeiro telejornal a ser exibido em rede nacional, atualmente é transmitido de segunda a sábado. Ele é considerado o informativo de maior importância da Rede Globo de Televisão, “em estudo de recepção com universitários cariocas, Isabel Travancas (2005) verificou que o JN funciona como uma espécie de “relógio social” que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis da vida familiar” (REZENDE, 2010, p.228). Segundo o site Memória da emissora, o jornal exigiu da equipe do telejornal o desenvolvimento do “conceito de noticiário nacional, que não existia até então na televisão brasileira. As matérias apresentadas deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas”⁶.

Em cada página da internet dos jornais da TV Globo não há o objetivo, o modo de produção ou algo que indique como cada telejornal define suas pautas e os gêneros que irá trabalhar. A única fonte de informação presente nesses sites sobre o fazer jornalístico é o conteúdo dos princípios editoriais das Organizações Globo, que foram elaborados e divulgados em 2011. Neste documento a emissora define jornalismo como a “atividade que permite um primeiro conhecimento de todos esses fenômenos, os complexos e os simples, com um grau aceitável de fidedignidade e correção, levando-se em conta o momento e as

⁵ Informação disponível no site <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237493,00.html>.

⁶ Informação disponível no site <http://memoriaglobo.globo.com>.

circunstâncias em que ocorrem. É, portanto, uma forma de **apreensão da realidade**” (GLOBO, 2011, p.3, grifo nosso).

O documento ainda aponta que a emissora terá apenas “veículos cujo propósito seja conhecer, produzir conhecimento, informar” e que, para isso, “abrigam muitos gêneros: o noticiário propriamente dito, os editoriais com a opinião do veículo, análises de especialistas, artigos opinativos de colaboradores, cronistas, críticos” (GLOBO, 2011, p.4).

Entre os vários apontamentos presentes nas 26 páginas da carta que permeia sobre princípios editoriais da Rede Globo, há dois que nos chamam a atenção. O primeiro (2011, p.9) é a recomendação de que “todo esforço deve ser feito para que o público possa diferenciar o que é publicado como comentário, como opinião, do que é publicado como notícia, como informação” (GLOBO, 2011, p.9). Já o segundo apontamento, (2011, p.9), considera “inadmissível que jornalistas das Organizações Globo façam reportagens em benefício próprio ou que deixem de fazer aquelas que prejudiquem seus interesses”. O que nos chama atenção neste último é a proibição de tal acontecimento para os jornalistas e não para a emissora. Os aspectos ressaltados no documento nos ajudarão na análise do conteúdo selecionado, a qual segue no próximo tópico.

5. Quando a ficção invade o jornalismo

Para desenvolver a análise desta pesquisa foi realizada uma busca no site de cada jornal diário da Rede Globo de Televisão, por tal método foram encontradas 12 matérias produzidas em 2011 que fazem referência às novelas da emissora. É importante ressaltar que para esta análise todas as outras partes dos telejornais foram desconsideradas como, por exemplo, as comuns chamadas, que, geralmente, fazem a conexão com o próximo programa da emissora. Portanto, não é objetivo deste trabalho fazer um levantamento preciso do tempo em que as novelas estão inseridas nos jornais, mas sim avaliar como tem se dado esse imbricamento entre ficção e jornalismo.

É necessário mencionar que também foram desconsideradas as matérias que continham a palavra ‘novela’ na construção do texto da reportagem como, por exemplo, “Homem vai a casamento em Brasília como padrinho e sai como marido”⁷, que narra uma história da vida real como se fosse igual à de uma novela. Outras matérias que noticiavam mortes, acidentes e outros fatos ocorridos com atores da emissora também não foram

⁷ Matéria disponível no endereço eletrônico <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2011/06/homem-vai-casamento-em-brasilia-como-padrinho-e-sai-como-marido.html>

considerados, pois não havia o relacionamento direto a uma novela, e sim à carreira da celebridade.

Ao contrário do que se pensava inicialmente, houve um equilíbrio na quantidade de matérias encontradas em cada jornal. No Jornal Hoje foram feitas quatro matérias que se referiam às novelas, já no Bom dia Brasil e no Jornal da Globo houve a presença de três e no Jornal Nacional de duas.

A reportagem⁸ “Quase 40 mil crianças esperam em abrigos a chance de ter uma família”, foi ao ar no dia 30 de setembro no Bom Dia Brasil com 5’47” de duração. O conteúdo mostra a questão da adoção e chama para a novela “A vida da gente”, que tem em seu enredo a história de uma menina que foi adotada. Além disso, a repórter também entrevista as atrizes Sthefany Brito e Daniela Escobar, que interpretam, respectivamente, as personagens da filha e da mãe adotiva. A matéria é de interesse público, entretanto à relação feita com a novela não traz nenhum dado novo que fará diferença na vida do telespectador, a chamada para a ficção serve, apenas, para inserir a nova novela no cotidiano do receptor.

Já a matéria “Sorriso tem poder na vida pessoal e profissional, afirmam especialistas”, exibida no dia 5 de agosto, menciona várias novelas da TV Globo, entretanto a maior parte das imagens relacionadas à ficção é da novela “Insensato Coração”, que, na época, estava no ar. No texto, o jornalista compara o sorriso de mulheres de obras de artes, como Monalisa, ao das atrizes Flávia Alessandra, Tais Araújo e Julia Robert. A mensagem passada pelo veículo é a de que quem não tem um belo sorriso tem menos chance de ter sucesso, de atrair as pessoas e carrega consigo o sentimento de vergonha. Entretanto não há no conteúdo dados de quantas pessoas não têm acesso à saúde dentária, qual a importância de se fazer acompanhamento com os odontólogos ou, ainda, o que a falta de dente pode prejudicar na saúde, na alimentação e no emocional dos indivíduos.

Outra exibição feita no jornal que se apropriou dos conteúdos da ficção é o texto “SP: menina com síndrome de Down é barrada no parquinho de shopping”. A história conta sobre uma menina que tem síndrome de Down e foi impedida de brincar em um parquinho do shopping, outros personagens também são incluídos no enredo, entre eles, a menina Joana que interpretou a “Clara” na novela “Páginas da Vida”. A menina poderia ser citada como uma atriz, assim como o outro personagem da matéria foi citado como técnico de qualidade de uma rede de alimentos sem ser mencionado qual era a rede em que ele trabalha. A menção da novela e de algumas imagens feitas pela menina serve, apenas, para

⁸ Modo pelo qual os âncoras chamaram o conteúdo no programa.

mostrar que a ficção trabalha com fatos reais e para lembrar a produção feita pela emissora. Essa informação, portanto, não acrescenta nada ao receptor, apenas corresponde aos interesses mercadológicos da emissora.

No Jornal Hoje foram encontradas quatro matérias que fazem referências às novelas da rede televisiva, a mais recente é “Maridos são principais agressores em casos de violência contra a mulher”. Exibida no dia 25 de outubro, a matéria inicia com o âncora Evaristo Costa dizendo: “Quem estiver acompanhando a novela das nove, que é a Fina Estampa, deve conhecer o drama da Celeste”. A primeira referência do conteúdo jornalístico que seria exibido a seguir está na ficção, em seguida, Sandra Annenberg, que divide a bancada, responde “você está falando da novela, mas isso também acontece no que ‘a gente chama’ de vida real”, o comentário da jornalista passa a ideia de que, na verdade, a novela é também a realidade ou a vida também é ficção. Durante a matéria, a história da novela e a de personagens da vida real são contadas de forma ‘costurada’, passando a ideia de que ambas são reais; a repórter chega a dizer “ontem ela [Celeste] apanhou de novo”. No tempo ocupado pela novela na matéria poderia ter entrado informações como a da Lei Maria da Penha, os efeitos psicológicos causados nas vítimas e diversas outras importantes informações que não foram incluídas no texto.

Assim como a matéria analisada anteriormente, a “Serviços simples e personalizados atraem pessoas sem tempo” também mistura ficção e realidade. O conteúdo que aborda sobre o crescimento de serviços personalizados traz em sua composição a frase da repórter “é mais ou menos como a personagem ‘Pereirão’ da atriz Lília Cabral, na novela das nove, Fina Estampa”, fala que, claro, é acompanhada por imagens da novela. O assunto também é abordado no comentário dos âncoras feito após a exibição do conteúdo.

Ao contrário das matérias analisadas até o momento, que trazem alguma relação com a realidade e com fatos de interesse público, a matéria “Um dos grandes mistérios das novelas brasileiras está de volta”, traz apenas o conteúdo ficcional. O âncora chama o conteúdo que falará sobre a festa de lançamento da nova novela dizendo: “Um dos grandes mistérios das novelas brasileiras está de volta e nós perguntamos: quem matou Salomão Ayala? A novela ‘O Astro’ ganha nova versão e estreia nessa sexta-feira”; baseando-nos na hipótese do agendamento aqui apresentada, a preocupação da sociedade agora é, portanto, em descobrir quem é o assassino da nova novela, o mistério, agora, está pautado para a sociedade desvendar.

Outra matéria do Jornal Hoje que chama para as novelas é “Mãe americana cria polêmica ao declarar que ama mais um dos filhos”. Nesta, a repórter diz que “o assunto também é discutido na novela da Rede Globo ‘Insensato Coração’. Raul, o ator Antônio Fagundes, diz que ama igualmente os dois filhos, Leonardo e Pedro, mas deixa claro para amigos que tem mais afinidade com Pedro”, em seguida, traz uma psicóloga para avaliar o caso da novela. Reparamos que a jornalista que fez a matéria não diz nem Raul, **personagem interpretado** pelo ator Antônio Fagundes, a relação entre o ator e seu papel é de similitude. Além disso, a profissional entrevistada não traz dados, possíveis tratamentos para pais ou filhos envolvidos nessa situação, a fala dela se restringe à análise da situação vivida na novela.

De todos os jornais da Globo avaliados, o Jornal Nacional foi o que menos fez referências às novelas. A última matéria exibida neste jornal foi ao ar no dia cinco de março, fala sobre os blocos de carnavais do Rio de Janeiro e traz no texto duas referências sobre Jaclecler, um personagem da novela TI-TI-TI. Entretanto não há a contextualização de quem é o personagem e nem em qual novela está presente, o que há é a presunção de que o telespectador sabe e, tem que saber, de quem se trata. Embora não acrescente nenhuma informação ao receptor, a matéria é a única vista até o momento que traz a ficção no plano da fantasia e não no da realidade.

A outra matéria exibida no JN é a “Brasil reduz tempo de espera para transplante de medula óssea”, que foi exibida no dia 28 de janeiro de 2011. Nela o repórter diz que “O drama da espera já foi tema de novelas, como ‘Laços de Família’ e ‘Sete Pecados’. Na vida real, a atriz Drica Moraes, que sofria de leucemia, se recupera bem depois do transplante”, passando a ideia de que as novelas da emissora ajudam a sociedade, trabalham temas reais e com responsabilidade social, pois a matéria realizada também fala sobre o aumento de doadores de medula óssea no país, ora o resultado não podia ser distinto já que o tema já esteve presente em duas novelas da emissora. Além disso, assim como drama da doença é vivido na ficção também o é na vida real.

Já no Jornal da Globo a matéria “Lisboa é escolhida para ser sede da TV Globo na Europa” tem outro propósito, o de mostrar a eficiência da emissora. Nela é ressaltada a estrutura, o investimento da empresa e a presença de atores, que constituem a “maior empresa cultural em língua portuguesa do mundo”. No texto, o repórter também relaciona que a novela Gabriela representou o primeiro contato da emissora com a Europa. O

conteúdo é completamente autopromocional e a única informação passada ao receptor, que a ele nada acrescenta, é o investimento feito pela empresa na Europa.

No período analisado, ou seja, de janeiro a outubro de 2011, o Jornal da Globo foi o único a relacionar a novela ao jornal em um formato diferente dos gêneros informativos, na Coluna de Nelson Mota, que corresponde a um gênero opinativo, é exibida a mudança da presença dos Vampiros na ficção, que, segundo ele, passaram de vilões a mocinhos, tanto na atual literatura, quanto no cinema. Dos conteúdos analisados este é o único que ao falar de ficção e novelas não faz relação com a realidade.

Ao contrário da matéria anterior, “Câmara dos deputados lança site para debater problema das drogas” faz total relação entre a ficção e a realidade. Nesta reportagem aparece a declaração da autora de ‘O Clone’, Glória Perez, bem como algumas cenas feitas pela atriz Débora Falabella, que interpretava uma personagem usuária de drogas na novela.

Na matéria sobre a Câmara está visível a questão do agendamento, o assunto discutido na novela é da pauta dos deputados e da sociedade. Além disso, na entrevista cedida por Glória Perez fica clara a relação não só com a realidade, como também a de paternidade. Segundo ela, "os dependentes falavam com aqueles que eram dependentes também ou então estavam começando a se tornar dependentes e eles reconheciam. Essa pessoa sabe do que está falando, essa pessoa sabe o que eu sinto, essa pessoa sabe o que eu to vivendo, isso faz uma profunda diferença". Podemos avaliar, portanto, que a novela os entende e vê o drama da sociedade. Assim, a sociedade agendou um tema na ficção que, por sua vez, tornou-se pauta da agenda política do Estado.

Dos doze conteúdos analisados apenas o opinativo e a matéria do carnaval abordava completamente a questão ficcional sem imbricá-la com a realidade, uma foi totalmente autopromocional e as outras nove faziam relação direta à realidade da sociedade. Não podemos dizer que a apropriação dos temas trabalhados pelas telenovelas da emissora pelo jornalismo gera uma hibridização, há relação entre os conteúdos de gêneros diferentes, mas o formato prevalece e se mantém, o que podemos afirmar é que o receptor perde ao deixar de ter acesso a conteúdos que realmente façam-lhe diferença. Assim como também podemos apontar a visão presente nos princípios editoriais da emissora de que o “jornalismo é uma apreensão da realidade” nem sempre vigora. Como dito anteriormente ao citarmos Hohlfeldt, a comunicação é um espaço de construção da realidade e com a relação intrínseca entre as categorias de informação e de entretenimento essa realidade estará cada

vez mais na ficção como o ficcional estará cada vez mais na realidade da mídia, aliás, essa relação também foi dita aqui pelo já citado Martín-Barbero.

Outro importante entendimento a ser exposto aqui é sobre a relação da emissora com os gêneros em seus princípios editoriais e em sua própria programação. Se, como já visto anteriormente pela voz de Barbosa Filho, os gêneros são as unidades que estipulam a forma de apresentação do conteúdo, a ausência da preocupação com essas unidades por parte da emissora demonstra que há um descuido na relação dela com o seu receptor.

Além disso, como já citado, em seus princípios a emissora pretende que “todo o esforço deve ser feito para que o público possa diferenciar o que é publicado como comentário, como opinião, do que é publicado como notícia, como informação”. Entretanto, para isso é preciso que primeiro ela separe as categorias dentro de sua programação. Se elas são entregues de forma conjunta a quem assiste à emissora, passando a ideia de que é tudo uma única coisa, como querer que o receptor faça essa distinção?

Como constatado na análise feita até agora, a união entre ficção e jornalismo presente nos telejornais da Globo não acrescentam nada ao receptor, ao contrário, essa relação tem, portanto, como objetivos apenas a autopromoção, o interesse mercadológico e, por isso, o agendamento de seus produtos na vida do receptor. O indicado seria, então, que a emissora estendesse o princípio de que é “inadmissível que jornalistas das Organizações Globo façam reportagens em benefício próprio ou que deixem de fazer aquelas que prejudiquem seus interesses”, para ela própria e não deixá-lo aplicável apenas aos profissionais que a ocupam.

Considerações

Primeiramente é preciso apontar que não há aqui o intuito de condenar a Rede Globo, ao contrário, é preciso reconhecer que ela é uma eficiente emissora da indústria de comunicação do país. Assim como é preciso considerar que as matérias que nos propusemos a analisar não possuem presença massiva nos telejornais, doze matérias distribuídas em quatro telejornais diários e em nove meses não representam por si próprias nenhum dano diário aos telespectadores. Por outro lado, não podemos desprezar esses conteúdos, pois estão presentes na maior emissora de rede aberta do país e, de alguma forma, influenciam os telespectadores.

Conforme apontou Marques de Melo no livro “Para uma leitura crítica da comunicação”, a televisão do Brasil “é quase exclusivamente um veículo de entretenimento. Para cada 10 horas de programas exibidos, 8 se classificam nessa categoria. Complementarmente, ela dedica 1 hora a programas informativos (jornalísticos) e 1 hora a programas *educativos* ou especiais” (1985, p.79). Ora se há tamanha dissonância entre o espaço cedido ao entretenimento e o cedido à informação e, sendo a emissora Globo uma concessão pública, caberia a ela preservar com qualidade o pouco espaço do gênero telejornal existente na programação. No mesmo livro, o autor ainda afirma que a programação televisiva “é constituída quase que exclusivamente pelos programas de entretenimento, o que equivale a dizer por mensagens banais e alienantes, responsáveis pelo distanciamento dos telespectadores da realidade em que vive” (1985, p.184). Manter o relacionamento entre ficção e informação nos telejornais da emissora pode contribuir ainda mais para esse distanciamento dos telespectadores da realidade.

Conforme dito anteriormente, a presença da ficção no jornalismo da Globo ainda não tem sido com uma grande frequência, entretanto, cabe aos pesquisadores da área verificar se tal imbricação não aumentará. Não nos cabe aqui grandes explicações sobre tal acontecimento, apenas alguns apontamentos que indicam a necessidade de continuar a verificar essa relação entre as distintas categorias nos telejornais.

É preciso mencionar ainda que outras partes que envolvem o objeto desta pesquisa ainda carecem de ser analisadas como, por exemplo, se a presença deste tipo de ‘matéria’ que envolve ficção e informação é maior quando novas novelas entram no ar ou como os receptores têm recebido esses conteúdos. Há ainda a possibilidade de se investigar qual a justificativa dos emissores para tais produções e esperamos que esta não seja condizente à conclusão de Ana Carolina Temer em sua tese “Notícias e Serviços - um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo”, em que, segundo ela, “prisioneiro de seus compromissos, o telejornalismo da Rede Globo não encontra condições para priorizar as funções sociais da comunicação” (2001, p.297). Fazemos, ainda, um último alento de que às telenovelas precisam beber na realidade para criar a verossimilhança e garantir que telespectador se identificará com ela; entretanto, o jornalismo tem como fonte a realidade e, portanto, não precisa das telenovelas para se bem fazer.

Referências bibliográficas

GLOBO, Organizações. **Princípios editoriais das Organizações Globo**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>
Acesso em 16 de novembro de 2011.

HOHLFELDT, Antonio. **Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação**. *In*: Teorias da comunicação – conceitos, escolas e tendências. 2ª.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: norte e sul**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002

MARQUES DE MELO, José. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1985.

REZENDE, Guilherme. **Todos estão de olho no telejornal nacional**. *In*: Televisão na América Latina: 1950-2010 pioneirismo, ousadia, inventividade. São Paulo: Metodista, 2011.

SOUZA, José Carlos A. de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004

TEMER, Ana Carolina R. P.; TONDATO, Márcia P. **A televisão em busca de interatividade** – uma análise dos gêneros não ficcionais. Brasília, Casa da Musas, 2009.

_____. **Notícias e Serviços** - um estudo sobre o conteúdo dos telejornais da Rede Globo. Universidade Metodista de São Paulo: 2001.